

RESENHA | *REVIEW*

PACHECO DE QUEIROZ, LUIZ ANTÔNIO. OS SIGNIFICADOS DAS PAISAGENS QUE CRIAMOS COM OS GARIMPOS.

Mirta Kelen Barbosa Bezerra ^a
Carlos Alberto Santos Costa ^b

^a Mestra em Arqueologia e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: mirtabarbosa@aluno.ufrb.edu.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5288-4317>.

^b Doutor em Arqueologia pela Universidade de Coimbra. Professor do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco; Pesquisador do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Patrimônio da Universidade de Coimbra. Bolsista de Produtividade em Pesquisa Nível 2 do CNPq. E-mail: carloscosta@ufrb.edu.br ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1204-322X>.

O livro “*Os significados das paisagens que criamos com os garimpos*” (Curitiba: CRV, 2023, 280p.), do arqueólogo Luiz Antônio Pacheco de Queiroz – originalmente produzido como uma tese de doutorado em Arqueologia, defendida em 2022 na Universidade Federal de Sergipe (UFS), cujas investigações foram realizadas no âmbito da Arqueologia Preventiva – oferece uma análise das complexas relações entre a mineração artesanal, a Arqueologia, o meio ambiente e as comunidades que vivem no entorno dos garimpos. A partir de uma narrativa descritiva e ilustrada, a obra convida o leitor a conhecer um contexto pouco explorado, revelando os impactos ambientais, sociais, históricos e culturais da atividade garimpeira na Chapada Velha, Bahia.

A obra se insere no campo da Arqueologia Histórica, compreendida como uma subdisciplina da Arqueologia que se orienta aos estudos dos processos de formação do mundo moderno – com início no século XV até a atualidade – ocorridos a partir dos impactos do avanço do colonialismo global europeu sobre as demais sociedades humanas do mundo, motivado pelo mercantilismo expresso na expansão marítima e comercial (séculos XV a XVIII), pela industrialização (séculos XVII e XIX) e pelo capitalismo financeiro ou monopolista (a partir do século XX) (DEETZ, 1977; HALL; SILLIMAN, 2006; ORSER JR., 1996; ORSER JR.; FAGAN, 1995; SCHUYLER, 1970; SYMANSKI, 2009). Nesse contexto, a Arqueologia da Mineração se orienta a estudar o desenvolvimento econômico realizado a partir da exploração do meio e dos diferentes grupos socioculturais, através de empreendimentos de lavras minerais (diamante, ouro, ferro, cobre etc.), as quais se apresentam como uma das formas do referido colonialismo (GUIMARÃES, 1996 e 2005; RIBEIRO; LEANZA, 2006; RUBIN; SOUZA, 2019; SOUZA, 2014).

O estudo se concentra nos municípios de Gentio do Ouro e Xique-Xique, importantes centros de exploração de diamantes durante o século XIX e início do XX, que guardam no solo e na memória dos grupos socioculturais do presente as marcas dessa época áurea da mineração. O livro está dividido em cinco capítulos e conta com o prefácio assinado por Paulo Eduardo Zanettini¹, além de introdução, considerações finais, referências, glossário e índice remissivo.

No primeiro capítulo, se apresenta as “*Arqueologias do mundo contemporâneo*”, que assumem um papel central na investigação, fornecendo ferramentas analíticas para a compreensão das dinâmicas socioculturais no complexo contexto da mineração artesanal. Pacheco reconhece que tanto as pessoas quanto as “coisas” influenciam a realidade ao seu redor, considerando que os instrumentos utilizados por garimpeiros, as paisagens modificadas pela mineração artesanal e até mesmo os próprios diamantes guardam histórias e memórias que contribuem para uma concepção mais ampla do passado.

Para Pacheco, esse conjunto de fatores naturais e antrópicos precisa ser compreendido

COMO CITAR ESTE TRABALHO

BEZERRA, Mirta Kelen Barbosa; COSTA, Carlos Alberto Santos. PACHECO DE QUEIROZ, Luiz Antônio. Os significados das paisagens que criamos com os garimpos. Cadernos do Lepaarq, v. XXI, n. 41, p. 161-165, Jan-Jun. 2024.

1 Doutor em Arqueologia com ampla experiência em Arqueologia Preventiva no Brasil, atuou como coordenador dos trabalhos que possibilitaram o desenvolvimento da pesquisa de campo para a tese de doutorado de Luiz Pacheco.

não apenas pela interpretação da materialidade dos objetos, mas também ouvindo as vozes dos indivíduos que construíram histórias inclusivas e representativas. Isso oferece ao leitor uma visão contra-hegemônica que desafia os discursos oficiais e tradicionais sobre os processos que caracterizam a mineração. Essa perspectiva analítica adotada pelo autor permite examinar as conexões entre “*humanos e coisas*” com maior complexidade, considerando as interações e interdependências que criam a história.

No segundo capítulo, Pacheco dedica especial atenção aos estudos arqueológicos da mineração realizados no Brasil. Essa contextualização é crucial para situar a pesquisa em diálogo com outros estudos sobre o tema, mapeando as lacunas existentes e as contribuições que seu trabalho pretende oferecer. O autor apresenta um panorama abrangente e instigante sobre a temática da mineração à luz da Arqueologia. Ao destacar a importância da materialidade e apresentar as diversas opções metodológicas disponíveis, este capítulo contextualiza a investigação para compreender a mineração na Chapada Velha e explicita os critérios que nortearam a seleção de métodos e técnicas de pesquisa, justificando as decisões tomadas e suas implicações para o estudo.

Diante disso, o autor explicita a negligência com a abordagem da materialidade acerca das pesquisas sobre a mineração, particularmente no contexto da Chapada Velha. Ele demonstra que a materialidade se configura como um elemento fundamental para a compreensão das complexas relações socioculturais que permeiam a atividade mineradora. Nesse aspecto, o autor proporciona a oportunidade para a investigação de diversos aspectos da mineração que frequentemente são ignorados e mostra que através da análise de vestígios materiais, pode-se desvendar técnicas de extração, organização do trabalho, relações de poder, crenças e valores presentes nas sociedades mineradoras.

Para tal, o autor aponta a relevância da Arqueologia do passado recente a partir de uma abordagem revisionista, propondo uma reinterpretação da história da mineração, no contexto da Chapada Velha, utilizando-se de uma abordagem que combina métodos arqueológicos com a valorização da memória e dos saberes locais. Essa postura incorpora visões e experiências marginalizadas pela historiografia tradicional. Segundo o autor, no caso da mineração, a Arqueologia do passado recente contribui para desconstruir interpretações eurocêntricas e coloniais dominantes, que frequentemente centra-se na figura do grande minerador e nas grandes empresas.

No terceiro capítulo, Luis Pacheco se dedica à apresentação detalhada dos interlocutores e espaços do garimpo, utilizando como premissa a metodologia da etnografia arqueológica. Essa abordagem permitiu ao autor uma imersão na realidade dos garimpeiros e na dinâmica social que permeia o ambiente do garimpo, buscando compreender as complexas relações que se estabelecem entre os habitantes locais e a região, através da observação participante, entrevistas e outras técnicas de pesquisa qualitativa. A obra apresenta como os garimpeiros percebem o ambiente natural em que vivem e como essa percepção se traduz nas práticas cotidianas e na relação com a natureza. A resistência das mulheres garimpeiras em face de uma sociedade

dominada por homens também é um tema tratado por Pacheco. Apresentam-se exemplos de mulheres que desafiaram as normas sociais e se dedicaram à atividade garimpeira, contrariando a reprovação de alguns membros da sociedade.

No quarto capítulo, o autor discorre sobre a paisagem garimpeira, na qual apresenta os deslocamentos dos grupos sociais como um elemento integrado ao território pesquisado. Nessa perspectiva, há referências às etapas do trabalho de extração mineral e é ensejada a discussão da organização espacial no garimpo. Pacheco se debruça sobre a análise da paisagem garimpeira, indo além da mera descrição física para explorar as camadas de significado que se entrelaçam nesse espaço singular. O autor propõe que os caminhos dos garimpeiros são uma forma de interação e transformação do espaço.

O estudo revelou que a abertura de novos caminhos não se limitava à facilitação do escoamento da produção mineral. As novas vias surgiam como resposta a variadas necessidades, como a busca por recursos naturais, a facilitação do acesso a áreas de caça e coleta e a fuga da violência e da repressão. A infraestrutura rudimentar garantia a autonomia e o controle dos garimpeiros sobre seu trabalho e seus territórios, revelando os saberes, as estratégias de sobrevivência e resistência, além de sua complexa relação com o poder local.

O quinto capítulo discorre sobre a materialidade da mineração e suas consequências na compreensão das condições de vida dos garimpeiros. Ele argumenta que a negligência de elementos tangíveis e intangíveis leva a distorções na análise da realidade social do garimpo, ignorando as complexas relações que se estabelecem entre os indivíduos e o ambiente material em que vivem. A mineração artesanal na Chapada Velha revela uma complexa teia de dominação, caracterizada por disparidades socioeconômicas, geopolíticas e pela invisibilidade dos trabalhadores. O livro, portanto, torna "visível" o passado invisibilizado ou marginalizado, dando voz aos subalternizados. Além disso, destaca a experiência imersiva do autor como "aprendiz" ao acompanhar os garimpeiros.

Enfim, ao abordar um assunto tão relevante e pouco explorado, "*Os significados das paisagens que criamos com os garimpos*" se configura como uma publicação essencial para os que se interessam pelos complexos vínculos entre o grupos socioculturais e o contexto paisagístico. A obra também é de grande relevância para leitores interessados em História, Geografia e Meio Ambiente. A pesquisa convida a refletir sobre os impactos positivos e negativos do processo do garimpo artesanal na Chapada Velha.

Referências bibliográficas

- DEETZ, James. In *Small Things Forgotten: an Archaeology of Early American Life*. New York: Anchor Press, 1977, 304p.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. Mineração colonial e arqueologia: Potencialidades. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 55-64, 1996.
- GUIMARÃES, Carlos Magno. A Arqueologia da Mineração Colonial (Minas Gerais – século XVIII). In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – ANPUH*. Londrina: ANPUH, 2005, p. 1-8.
- HALL, Martin; SILLIMAN, Stephen; WURST, LouAnn. *Historical Archaeology*. Malden | Oxford | Victoria: Blackwell Publishing, 2006, 341p.
- ORSER JR., Charles. *A Historical Archaeology of the Modern World*. New York, Plenum Press, 1996, 248p.
- ORSER JR., Charles; FAGAN, Brian. *Historical Archaeology*. Nova Iorque: Harper Collins, 1995, 291p.
- PACHECO DE QUEIROZ, Luiz Antônio. *Os significados das paisagens que criamos com os garimpos*. 1. ed. Curitiba: CRV, 2023. 280p.
- RIBEIRO, Loredana; LEANZA, Deborah. O complexo arqueológico do córrego Cuiabá e o mito das tecnologias rudimentares e ineficazes da mineração nas Gerais colonial. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 65-87, 2006.
- RUBIN, Julio Cezar Rubin de; SOUZA, Marcos André Torres. Mineração, quilombos e engenhos: análise da paisagem em Vila Boa, Goiás, Brasil. In: *Anais do VI Encontro de Geoarqueologia da América Latina*. Fortaleza: *Revista de Geologia*, Universidade Federal do Ceará, 2019, p. 7-22.
- SALES, Herberto de Azevedo. *Cascalho* (romance – Coleção “Livros do Brasil”). Rio de Janeiro: *Civilização Brasileira*, 1975 (1944), 291p.
- SCHUYLER, Robert Livingston. *Historical and Historic Sites Archaeology as Anthropology: Basic Definitions and Relationships*. *Historical Archaeology*, Maryland, Society for Historical Archaeology, v. 4, p. 83-89, 1970.
- SOUZA, Rafael Abreu. Lavras, cavas e garimpo: Arqueologia da Mineração no Brasil. *Mneme - Revista de Humanidades*, [S. l.], v. 14, n. 32, p. 1-25, 2014.
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Arqueologia histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. In: MORALES, Walter Fagundes; MOI, Flávia Prado (Orgs.). *Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 279-310.

Recebido em: 13/02/2024

Aprovado em: 07/05/2024

Publicado em: 03/06/2024